

110

Terminado todo o ritual, a iniciada deverá ter determinado contacto..., e se já tiver casado subentende-se com quem será..., mas se o marido estiver impossibilitado por qualquer razão, trabalhando longe, etc., o cerimonial terá de ser cumprido da mesma forma por um elemento do sexo masculino escolhido pela família.

f) *Rapazes. Iniciação e circuncisão. «N'luga»:*

Do que se vai ler sobre a cerimónia da iniciação e circuncisão, a que os indígenas chamam *n'luga*, foi conseguido na área da circunscrição da Maganja da Costa, onde procedemos a duas operações de recenseamento para efeitos de cobrança do imposto indígena, sendo as regras as mesmas em quase todo o distrito.

Na altura da colheita do arroz (Junho ou Julho) o *muazambo* (chefe de grupo de régulos), ou o *muene* (régulo ou regedor), em data que ele marca, geralmente um sábado, faz reunir na sede da sua povoação todos os velhos da região, e, em conselho, que dura uma semana, decide-se como e quando se há-de iniciar a *n'luga*.

Logo que ficou assente a data da realização, é escolhido o mestre de cerimónias, também designado por *molé* e que deve ser um adulto já circuncidado. O *muene*, na primeira segunda-feira a seguir ao último dia da reunião do conselho de anciãos, manda um portador avisar o indivíduo escolhido, que nunca pode eximir-se à ordem recebida.

Assim que o indígena indicado para mestre de cerimónias recebe o aviso deve, junto à sua palhota, tanger um pequeno tambor conhecido por *sagala*, a espaços regulares e até ao dia da sua apresentação perante o chefe gentílico, para assim dar a conhecer aos outros indígenas que foi eleito *molé*.

Rafael, Saul Dias

Memória Etnográfica. Nilauze e os seus povos

Séq. de "República", nº 82 a 84 de 1955, e 85 de 1956

O *molé* pode ter os ajudantes que entender, sendo por ele escolhidos.

Assim que o *molé* e ajudantes chegarem à sede do muenado começará a soar o *m'chito*, tambor grande, para avisar toda a gente, sem distinção de sexo ou idade, para comparecerem à reunião geral.

Na mesma altura em que vai um portador avisar o indígena escolhido para *molé*, outro vai prevenir o *namugo* ou *rambangombe*, o homem especializado na operação da circuncisão.

Para a reunião magna na povoação sede da regedoria, comparecem sem falta todos os rapazes que deverão fazer parte do «contingente» para cumprimento do ritual desse ano.

A concentração da população dura todo o dia e toda a noite e, no dia seguinte, depois de os rapazes terem seguido para o local onde se cumprirão as regras da *n'luga* a população regressará a penates.

No dia seguinte à chegada da população, de manhã cedo, o *muene* manda arranjar o *mucuto*, um preparado com farinha de arroz, do qual se põe uma pequena porção na cabeça de cada um dos rapazes, ficando eles assim com o sinal característico de terem sido designados para a *n'luga*. Finda esta cerimónia, os rapazes seguem, acompanhados do *molé*, seus ajudantes e o mestre *namugo* para o local escolhido antecipadamente no interior da floresta.

Os *mópi* — rapazes não circuncidados — são de todas as idades, chegando a haver adultos que se vão sujeitar à operação, alguns até que já fizeram o serviço militar.

O lugar onde se realizam as práticas da *n'luga* tem de ser quase secreto, pois «ninguém pode ouvir, ver ou saber o que lá se passa».

Para o sítio da *n'luga* levam-se quatro tambores: um *m'chito*, um *arritimula* e dois *sagala*.

A circuncisão pròpriamente dita tem lugar pouco depois da chegada ao ponto da floresta escolhido, obedecendo-se mais ou menos ao seguinte ritual: o *molé* leva o *mópi* de olhos vendados à presença do *namugo*, que procede à respectiva operação enquanto os tambores, em barulho infernal, se fazem ouvir, acompanhados de cânticos apropriados.

O *mópi*, com os olhos tapados, aturdido pelo barulho e nervosamente excitado, é circuncidado quase sem dar conta do que se passa, pois tudo é feito com incrível rapidez.

Depois de todos os rapazes terem passado pelas mãos do *namugo* deixam de ser *mópi*, passando à categoria de *apalé* (plural de *m'palé* — rapaz já circuncidado).

Se a operação fosse feita por médico ou indivíduo preparado para esse fim, nada teria de grave, mas realizada pelo *namugo*, que noção alguma tem de assepsia e outros cuidados, acontece resultarem hemorragias ou infecções perigosíssimas — por vezes de consequências fatais.

A morte devida à *n'luga* não tem importância para os indígenas, que logo atribuem o caso a qualquer feitiço.

Terminado o trabalho, o *namugo* regressa ao seu domicílio, ficando no local os *apalé*, o *molé* e seus ajudantes, que procedem então à construção de uma *mussassa* (alpendre feito com paus e coberto a capim), que servirá para os abrigar a todos.

Os *apalé* devem ficar no local cerca de um mês, ou melhor, de lua nova a lua nova, ou então, caso tenha passado esse tempo, até que todos estejam completamente restabelecidos.

Os *apalé* nunca, por motivo algum, se poderão ausentar do sítio da *n'luga*, sendo o *molé* que providencia quanto aos alimentos.

Nas histórias ou contos a que muitos indígenas chamam *talè* e já em muitas regiões dizem «históra», o coelho *namarrocolo* assume papel preponderante por ser o animal mais subtil, como a raposa o é para o europeu.

d) *Danças: «N'zoma»:*

A maior parte das danças consistem em movimentos rápidos, para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás, viravoltas, saltos, meias-voltas, movimentos lascivos isolados ou de parceria com indivíduos do sexo oposto, e movimentos especiais com os quadris.

Há também a dança do ventre, que é feita só pelas mulheres.

Aos movimentos mais desordenados da dança não deixa de presidir certo sentido de ritmo, havendo cadência nos cantos e passos acompanhando o barulho dos tambores e tantãs.

Hoje usam-se os chamados *balhos*, que são uma imitação do baile do europeu, em recinto próprio, com damas e cavalheiros, aos quais assistem os indígenas, regra geral serviçais domésticos, que trabalharam muito de perto com o «branco».

Na Maganja da Costa vimos num desses *balhos* um mestre de cerimónias que dizia a certa altura: «é muricana», ou então: «é d'ingrês» — ou seja, conforme os casos, a dança seria à americana ou à inglesa, mas os «cavalheiros» é que iam, invariavelmente, buscar as respectivas damas, havendo no final uma reverência de agradecimentos, feita em conjunto. As principais danças no distrito de Quelimane são respectivamente:

*Machimbui* — primeira dança das raparigas (*emuáli*).

*Tolóla*, *m'pilé* e *mu-hito* — as três danças da iniciação das raparigas.

*Mafué* — só para mulheres (dança do ventre).

*Dubula, muala, mutengo e n'gózi* — danças comuns a homens e mulheres.

Na região lómuè há as danças conhecidas pelos nomes de *vilègo, limato e nicuata*.

Os mágicos e adivinhos têm danças especiais.

e) *Instrumentos musicais:*

Os principais tambores usados pelos indígenas são:

*M'chito* — tambor grande, com som de baixo, atingindo um diâmetro de 80 centímetros;

*Dombe* — tambor grande, com som de barítono, com 50 a 70 centímetros de diâmetro, que além de ser utilizado nos batuques é também empregue pelos chefes gentílicos para convocar as suas gentes para lhes anunciar determinadas notícias, avisos, etc.;

*Arritimula* — o mais vulgar, de 40 a 50 centímetros de diâmetro;

*Mussuzo* — tambor com a forma de X comprido;

*Micuda* — tambor pequeno;

*Junju* ou *ajujo* — tambor dos pequenos.

Para as danças, vulgarmente designadas e conhecidas por batuques, só utilizam um *m'chito*, que é o maior, empregando ao mesmo tempo certa quantidade dos outros tambores mais pequenos, podendo haver, por exemplo: um *m'chito*, quatro *arritimula*, dois *mussuzo*, dois *ajujo* e três *micuda*.

Os tambores grandes assentam directamente no chão, apoiados a qualquer objecto que os segure, mas os pequenos costumam segurá-los entre as pernas.

Os maiores são tocados com uma espécie de baquetas, usando-se as mãos para os mais pequenos.

A par dos tambores há uma infinidade de pequenos instrumentos com maior ou menor sonoridade, dos quais se citam alguns:

*Cassace* ou *cassanza* — espécie de pequena marimba feita com lâminas de ferro, de diferentes comprimentos, variando de 6 a 12 centímetros, e que se toca com os dedos;  
*Marimba* — instrumento muito vulgarizado e já conhecido;  
*M'siribo* ou *siribo* — espécie de violino feito com a noz do coco, de que se partiu a parte superior e se tapou com uma pele de cobra. No coco está inserta uma haste de madeira, geralmente um pedaço de palmeira, com uns 30 a 50 centímetros de comprimento e que na sua extremidade tem uma cravelha típica de 5 a 6 centímetros. À cravelha liga-se uma corda que vai à base do coco. É tocado com uma espécie de arco feito também de palmeira.

f) *Religião. Superstições. Mágicos ou adivinhos:*

Debaixo do ponto de vista religioso, o indígena pratica um sincretismo de que participam as mais variadas crenças e cultos como o animismo, o totemismo, o everismo (influência de certos mortos sobre os vivos), o espiritismo e a magia.

É extraordinariamente supersticioso.



Tipo de palhota



Batuque de mulheres: os músicos  
Ao fundo — mapira (Sorghum vulgare)



Aspecto de um batuque



Pequeno batuque junto a uma mangueira



Fase de uma dança



Batuque de homens: os músicos